

## **Marombeiros e marombeiras em duas academias de ginástica cariocas: dores e usos do corpo sob a ótica das intersecções de gênero e de classe social**

Alan Camargo Silva\*

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Jaqueline Ferreira\*\*

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Resumo:** O objetivo desse trabalho foi apreender e analisar como aqueles que praticam exercícios físicos com muita intensidade e regularidade, conhecidos/as como “marombeiros/as”, concebem as dores e seus riscos. Sob a ótica teórico-metodológica do Interacionismo Simbólico da Escola de Chicago, foi realizada uma etnografia comparada em duas academias de ginástica inseridas em distintos contextos socioeconômicos e culturais da cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 2012 e 2013. Foi possível compreender que as intersecções de gênero e de classe social influenciam peculiarmente nas múltiplas maneiras dos/as marombeiros/as de cultivar o corpo, o que contribui para (re)pensar as investigações sobre práticas esportivas entre (sub)grupos no campo da Antropologia.

**Palavras-chave:** Dor; Gênero; Classe Social; Academias de Ginástica; Etnografia.

## **Bodybuilders in two cariocas fitness centers: pains and uses of the body from the point of view of the gender, social class and its intersections**

**Abstract:** The objective of this study was to apprehend and analyze how those who practice physical exercises with great intensity and regularity, the so called “fitness freak”, conceive the pains and its risks. Using the theory and method of the Symbolic Interactionism of the School of Chicago, a comparative ethnographical research was developed in two fitness centers located in neighborhoods with some socioeconomic and cultural differences at city of Rio de Janeiro in the period between 2012 and 2013. It was possible to comprehend that the intersections of gender and social class of the “addicted” people influence peculiarly in the different ways to worship their own body. These data can contribute to reconsider the investigations about (sub)groups related to sports and practitioners in the field of Anthropology.

**Keywords:** Pain; Gender; Social Class; Fitness Centers; Ethnography.

---

\* Prof. Dr. Alan Camargo Silva. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Educação Física e Desportos, Núcleo de Estudos Sociocorporais e Pedagógicos em Educação Física e Esportes. E-mail: alan10@zipmail.com.br

\*\* Profª. Drª. Jaqueline Ferreira. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva

## **Considerações introdutórias**

Do mesmo modo que grande parte da construção dos esportes desenvolveu-se de maneira sexista e generificada ao longo do tempo (GOELLNER, 2013), os saberes e as práticas corporais no âmbito *fitness* das academias de ginástica constituíram-se de maneira binária e hierarquizada entre eles e elas. Isso representa a construção sócio-histórica da predominância das categorias biológicas do “sexo” ou da “diferença sexual” atribuindo relações de poder e reduzindo determinados atributos sociais aos homens e às mulheres (SCOTT, 1986).

Os estudos voltados ao ramo das academias de ginástica que costumam adotar categorias de gênero como foco de análise, o fazem a partir de representações sociais sobre corpos naturais, inertes e estáticos. Geralmente, essas pesquisas comparam as diferenças relacionais entre homens e mulheres valorizando aspectos corporais, ora visando à saúde, ora ao aprimoramento da beleza. Uma premissa desses estudos é o interesse concentrado dos homens e das mulheres por determinadas partes do corpo. As pesquisas de Hansen e Vaz (2006) e Malysse (2007) detectaram uma tendência de dados sujeitos em desenvolver certas regiões corporais: homens, membros superiores e região peitoral; mulheres, membros inferiores e região glútea. Lessa *et al.* (2011) e Santos *et al.* (2013) encontraram mulheres valorizando o padrão de corpo magro e os homens, hipertrofiado. Estas valorizações por determinadas partes ou tipos de corpo se caracterizam pelo próprio “capital” em que o sujeito, homem ou mulher, se engaja para construir (FREW; MCGILLIVRAY, 2005).

Quando as pesquisas se voltam à dor e seus riscos, a delimitação de investigação se vincula aos homens e suas masculinidades (SABINO, 2004; FERREIRA *et al.*, 2005), em especial, àqueles considerados como marombeiros, isto é, praticantes “viciados” em exercícios físicos ou pelo próprio corpo, chamados também de “ratos de academia”. Assim este trabalho se refere especificamente aos grupos de marombeiros/as. Tal delimitação se faz

necessária na medida em que há diferentes grupos sociais nas academias (BRIDGES, 2009). Entretanto, a preocupação aqui se caracteriza por entender as diversidades e as dinâmicas de marombeiros/as no que se refere às distintas masculinidades e feminilidades relacionadas ao marcador social da classe social<sup>1</sup>, o que parece ser incipiente quando os focos de investigação são as dores e seus riscos no âmbito das academias.

A perspectiva de interseccionar diferentes marcadores sociais contribui sobremaneira para desvelar as relações de poder nas complexas e híbridas identidades típicas da atual modernidade em diversos grupos sociais (PISCITELLI, 2008; HIRATA, 2014). Para Lipovetsky e Serroy (2011:54), “[...] os papéis sexuais e as relações entre os gêneros não estão mais inscritos no mármore; tudo nesse domínio se tornou aberto, negociável, indeterminado”.

Considera-se aqui que as noções de dores corporais são complexas e dinâmicas por serem construções socioculturais (LE BRETON, 1999). Nesse sentido, parte-se do pressuposto que as tendências de usos do corpo se relativizam em função das condições socioeconômicas e culturais entre e no interior das classes sociais (BOURDIEU, 1983; BOLTANSKI, 1984), igualmente visto em torno da multiplicidade de gêneros masculinos e femininos (LOURO, 2008).

Assim, questiona-se: O que é ser ou ter um corpo de marombeiro/a? Quais representações de dores e de riscos atravessam as concepções desses sujeitos? E, em relação a tais noções, há diferenças entre e no interior das inserções de gênero e de classe social destes grupos? Tais questões fazem (re)pensar as investigações sobre práticas esportivas entre (sub)grupos no campo da Antropologia. Ademais, revela particularidades da vida cotidiana que estão diretamente conectadas aos modos como determinados grupos sociais cultuam seus corpos. Em outras palavras, explorar as experiências e concepções de dores e seus riscos

significa desvelar certas visões de mundo, ou ainda, formas de sentir, pensar e agir face à vida cotidiana.

Logo, o objetivo deste trabalho foi apreender e analisar como aqueles que praticam exercícios físicos com muita intensidade e regularidade, conhecidos/as como “marombeiros/as”, concebem as dores e seus riscos<sup>2</sup>.

### **Decisões e procedimentos metodológicos**

A partir do Interacionismo Simbólico da Escola de Chicago (BECKER, 1996), este trabalho parte da ideia de que os indivíduos em suas microrrealidades respondem não somente onde estão inseridos como grupo social, mas também como membros de uma sociedade mais ampla (GOFFMAN, 2011). Assim, para apreender as situações sociais cotidianas de interação ou de encontro face a face ao longo do tempo, foi desenvolvida uma etnografia comparada entre duas academias de ginástica. Revelou-se pertinente compreender os diferentes desempenhos dos/as marombeiros/as perante regras sociais referentes às dores e seus riscos na musculação de duas academias.

A observação participante ocorreu entre Julho/2012 a Julho/2013 em academias que se diferenciavam em suas características estruturais ou organizacionais e do público atendido haja vista as suas distintas inserções socioeconômicas e culturais na cidade do Rio de Janeiro. A duração da pesquisa foi de doze meses em uma academia de pequeno porte de um bairro popular (academia P localizada na Cidade de Deus) e dez meses em uma academia de grande porte de um bairro de classe alta (academia G situada na Barra da Tijuca), por duas vezes na semana, em um período de quatro horas diárias, principalmente entre dezessete às vinte e uma horas. O diário de campo foi meu próprio celular e os relatórios após o período de relações com meus interlocutores foram geralmente elaborados no dia seguinte com o objetivo de não perder nenhum detalhe do contexto.

Durante e após o trabalho de campo, foi problematizado continuamente o meu processo de reflexividade perante os lócus de estudo e os interlocutores com os quais convivi durante a observação. A partir do Interacionismo Simbólico, entendo também que o ponto de vista do nativo se constituiu a partir da relação entre ele e a minha pessoa no ato de pesquisa. Por isso, ratifico aqui o meu constante processo de exercício metodológico de alteridade e de estranhamento nas minhas interações sociais nas academias estudadas<sup>3</sup>.

Vale ressaltar que eu não me exercitava como aluno e nem orientava as práticas corporais como profissional de Educação Física, mas me apresentava como estudante ou pesquisador de um curso. Desse modo, ao estar no coletivo, sempre avisava a minha presença aos profissionais dos locais quando eu chegava e, posteriormente, ficava circulando pelo espaço da musculação interagindo, observando e conversando com todos os presentes.

Alguns pesquisadores não obtiveram êxito em circular entre os marombeiros/as, pois, por diversos motivos, sofreram inúmeras rejeições por parte desses grupos justamente por não compartilharem a ideia de cultuar o corpo como eles/as. Vilela (2010), homossexual e franzino, experienciou em sua etnografia em musculação uma série de preconceitos e agressões simbólicas pelo seu perfil. Sobre esse (não) lugar do etnógrafo em academias, Seixas (2010) também relata que se sentia constantemente avaliada e julgada de cima a abaixo pelas suas formas corporais. Aparentemente, não tive muitas resistências à pesquisa, pois costumam me chamar de “bombado”, “sarado” ou “marombeiro” devido ao meu porte físico: cabelo raspado e musculoso graças às minhas atividades físicas. Assim, minha aparência física foi relevante na minha inserção e nas interações em campo.

Baseado na ideia de Becker (1997) de que um grupo apenas se estabelece como tal na medida em que os de dentro e os de fora consideram as mesmas formas de interação social, a classificação de marombeiro/a neste estudo se desenvolveu a partir dos/as próprios/as pesquisados/as e/ou pelos outros que não assumiam tal identidade. Os/as marombeiros/as

eram aqueles que eram vistos ou assumiam a identidade de praticante fervoroso/a por exercícios físicos ou pelo próprio corpo. Eles se concentravam na faixa etária entre quinze a trinta anos de idade. Entretanto, vale ressaltar que os mesmos grupos sociais podem conter diferentes *habitus* (BOURDIEU, 1983; BOLTANSKI, 1984), justamente pelos tipos de atividades que se diversificam a depender das situações sociais (BECKER, 2007).

### **Apresentação e discussão dos achados**

A apresentação e discussão dos achados a seguir privilegiam as diferenças entre e no interior das inserções de gênero e de classe social destes grupos de marombeiros/as. Mais precisamente, problematiza as construções de múltiplas masculinidades e feminilidades tanto entre homens quanto entre mulheres face às dores e seus riscos.

A estrutura do texto a seguir toma homens e mulheres separadamente como recorte analítico. No entanto, registra-se que tanto eles quanto elas estavam em constantes interações sociais. Vale apontar que a circulação entre marombeiros e marombeiras era mais separada na academia P do que na academia G, onde havia maior contato entre eles/as.

#### *Marombeiros: masculinidades em construção e em tensão?*

Na academia P, muitos alunos exaltavam uma determinada masculinidade quando se exercitavam e cultuavam suas dores na musculação. Durante as práticas corporais, a demonstração exemplar de força, virilidade, durabilidade, agressividade, coragem, combatividade, desafio, poder, dentre outras características, classicamente associadas ao tipo de ideal da masculinidade hegemônica<sup>4</sup> descrito por Connel (2008), eram reforçadas nos encontros face a face quando se remetiam às suas dores no espaço da musculação. Ali havia a ideia de que “[...] uma das formas de ‘mostrar-se homem’ em nossa sociedade é correr riscos, aceitar desafios, em suma: ‘entrar no jogo’” (GASTALDO; BRAGA, 2011, p. 884).

A musculação da academia P era um grande palco onde os alunos disputavam o quanto eram másculos perante os outros, isto é, homens “contra” homens exigindo entre si certas posturas ditas masculinas. Concorrências, competições e desafios corporais travados entre eles eram rotina no estabelecimento. Lembro que ficava exaurido mentalmente após o trabalho de campo de conversar ou dividir, como eles, sobre o quanto homem eu era com o intuito de estar junto deles. Depois de meses, eu não aguentava mais compartilhar tais assuntos. A minha masculinidade não se alinhava à grande parte dos homens dali: inicialmente, eu não costumava xingar ou falar palavrões, conversar sobre futebol e mulheres, por exemplo. Baseando-me na expressão de Connel (1995), eu era considerado um “homem sensível” e, por vezes, ridicularizado por não compartilhar muitas das coisas que tratavam ali diariamente.

Eles demonstravam que sempre estavam prontos para qualquer obstáculo derivado ou não do ato de se exercitar. Esses marombeiros revelavam mais os seus “sucessos” do que suas “derrotas” dentro e fora das academias, inclusive nas suas relações sexuais, como forma de competição entre os mesmos. Assim, a imagem de um “super-homem” como ideal de corpo era notória na academia P face a estes tipos de dores, exaltando, por vezes, que eram “verdadeiros marombeiros”. A minha postura no trabalho de campo também não me permitia disputar ou comparar até onde eu podia aguentar as dores durante os exercícios físicos, o que, por vezes, era cobrado pelos marombeiros.

Nesse contexto, era possível notar que a dor era a “medida de um homem” (LE BRETON, 1999). Este dado acentuava-se quando não se tratava apenas de defender um tipo de masculinidade, mas que a constituição desta também fazia parte especificamente do “homem da favela”. Tornar-se homem marombeiro naquele “contexto difícil”, expressão essa usada por Damico e Meyer (2010) para tratar sobre as baixas condições socioeconômicas, era visível nos contatos face a face da academia P.

Por exemplo, quando os marombeiros eram questionados sobre o porquê de não realizarem movimentos voltados aos membros inferiores, eles se sentiam ofendidos porque tais exercícios físicos eram tipicamente realizados pelas mulheres. Apenas quando estavam sozinhos, esses homens executavam exercícios físicos para as pernas. Se flagrados executando esses movimentos, eram zombados ou olhados de forma punitiva pelos outros marombeiros. Muitas vezes, justificavam que “demorava muito para ganhar perna” ou que realizavam esses movimentos no “limite” das dores para melhorar alguma lesão ou com o intuito de potencializar a performance em alguma luta, isto é, “algo relacionado ao mundo masculino”. Grande parte dos alunos possuía pernas mais finas quando comparadas à dimensão dos braços e do tronco. Por esta situação, muitas vezes eram criticados por tal desproporcionalidade gerando uma série de relações jocosas. Alguns alunos argumentavam que o “de cima” que aparecia, pois o “de baixo” podia ser escondido com uma calça *jeans*, por exemplo; se a mulher fosse descobrir que tal aluno tinha pernas finas, somente descobriria na cama, quando estavam prestes a se relacionarem sexualmente.

Outro exemplo era o tamanho corporal cultuado pelos marombeiros, pois quanto maior fosse o porte físico do sujeito, mais respeito ou medo seria imposto aos outros alunos. Eles comprovavam visualmente que sentiam muitas dores de esforços físicos ali, caracterizando certa autoridade do capital físico ou capital corporal (SHILLING, 2005; WACQUANT, 2002). Pode-se afirmar que a dimensão corpórea era mais um sinal de distinção que o legitimava como um “homem autêntico”, sobretudo levando em consideração a posição dos marombeiros naquele espaço social onde a academia P estava inserida.

Os alunos relatavam as inúmeras disputas de “tudo mais” que ocorriam ali, ou seja, de quem era o “mais homem”. Alegavam que mesmo tendo “muita união entre todos” ali, ninguém falava nada diretamente, pois “tudo era no visual”, isto é, havia uma hierarquia de quem era o “mais homem”, quem era aquele com “mais corpo” e quem “fazia mais

repetições”, “mais cargas”, “mais exercícios físicos”, etc. Os marombeiros possuíam uma política do “quanto mais, melhor!”, explorando ao máximo seus “limites” corporais no que diz respeito às dores e seus riscos. Cheguei, inclusive, a presenciar alunos disputando quem tinha sentido mais dor no momento de ter feito uma tatuagem.

Outro artifício dos marombeiros era não ceder o aparelho de musculação para revezar com outro que o quisesse como forma de demonstrar a sua superioridade. Nas raras vezes em que aceitavam revezar os exercícios físicos com os outros, eles não perdiam a oportunidade de lembrar a quem fosse utilizar o aparelho de musculação que a carga dele era mais pesada, logo “tinha que subir o pino” em direção as placas de pesos mais leves. Além disso, alguns tomavam a frente de outros na fila do bebedouro sem falar absolutamente nada como uma maneira provocativa. Estes marombeiros preferiam as barras de ferro mais antigas, enferrujadas e tortas àquelas mais novas, limpas e retificadas, como uma maneira de demonstrar que pegavam pesado e a qualquer custo no “limite” das dores. Eles também demonstravam suas virilidades como jogar os pesos no chão xingando, não usar as presilhas de segurança ou amassar e arrebentar os pinos e cabos de aços propositalmente. Todas essas situações reforçavam, de modo visual e sonoro, a sua masculinidade e que não apenas malhavam, mas também demonstravam que puxavam ferro no “limite” das dores.

Nessa direção, observava algumas das disposições sutis de controle da masculinidade entre homens, descritas por Brown (2006), tais como o complexo de dominação territorial, visual, conversacional, postural etc. Nesse caso, com base na dominação masculina de Bourdieu (2000), era possível perceber que a virilidade desses marombeiros era confirmada por uma série de comportamentos que poderiam se aproximar aos diversos tipos de violência. Oliveira (1998) lembra que os homens nos segmentos mais marginalizados no sentido econômico-cultural podem assumir determinadas formas mais agressivas de exercitar a masculinidade como uma maneira de reduzir o “sentimento de inferioridade”.

Constante e aleatoriamente, os alunos da academia P durante os exercícios físicos se chamavam por apelidos que remetiam a algo relacionado ao corpo como “Jumanji” (nome de um filme em que descreve a história de um jogo de tabuleiro com temática da selva, onde grandes animais fictícios se tornavam reais), “Júnior Baiano” (ex-jogador de futebol, zagueiro, conhecido por dar e aguentar “porradas” nas partidas), etc. Chamavam uns aos outros se referindo a animais como, por exemplo, os vistos como fortes chamados de “mão de leão”, “força de gorila”, “cintura de rinoceronte”, “sexo de cavalo”, “pegada de macaco”, etc., e os considerados fracos, “frangos”, “frangos empanados”, “coxinhas de frango”, “animal”, “lagartixa”, “patinho”, “cachorro salsicha”, “ratinho”, “tartaruga”, etc. Tais referências classificatórias entre os alunos homens demonstravam quem aguentava mais ou menos as dores em determinados movimentos ou a depender da quantidade de repetições ou de cargas. Conforme Jardim (1991), através das brincadeiras, é possível acessar como os homens se referem aos seus corpos, isto é, ao corpo masculino. Para compreender tais brincadeiras jocosas associadas, por vezes, a risos, esse humor teve que ser situado em um contexto de práticas e de valores entre esses marombeiros, conforme já tratado por Fonseca (2000).

Ademais, todo e qualquer acidente que sofriam no interior da academia P era imediatamente tornado público, sobretudo os hematomas que eram visíveis na superfície do corpo. Frequentemente, na musculação, os marombeiros lembravam e mostravam uns para os outros seus machucados e cicatrizes, competindo entre eles para ver quem possuía mais marcas. Ser marcado ou sentir dor significava aumentar o *status* do sujeito na academia P, demonstrando um sinal de diferença individual ou de pertencimento social perante o coletivo, no caso aqui o de masculinidade (LE BRETON, 2004). Na academia P, a marca no corpo assumiria uma prova de virilidade, pois a dor visualmente poderia ser concebida e exposta para todos ali. Além disso, as marcas no corpo representavam a trajetória da “vida dura”

desses marombeiros, pois não perdiam a oportunidade de exaltarem que sofriam ou já sofreram muito na vida e que ali não seria diferente.

O corpo dos marombeiros da academia P, portanto, era construído e tensionado durante as interações sociais a partir de símbolos ligados classicamente ao mundo do homem que aguentava o “limite” das dores causadas pelos esforços físicos e também “invencível” face aos riscos que poderiam acometê-los, inclusive das condições socioeconômicas em que viviam. Nesse sentido, a “fachada” descrita por Goffman (2002) como todos os elementos que a pessoa se serve (incluindo a aparência física) no uso de suas interações sociais, deveria ser sacrificada, pois simbolicamente se associava ao ser um “verdadeiro homem marombeiro”.

Em suma, ao defenderem os seus lugares sociais como homens, desempenhando certas masculinidades naquele espaço durante os contatos face a face, reforçavam sua heterossexualidade buscando afastar qualquer dúvida em relação à sua orientação sexual. Pela ótica de Schechner (2006), os alunos homens faziam parte de eventos sociais em que a performance deveria ser cada vez mais aprimorada diante de uma “audiência” que questionava o que era ser um “homem marombeiro”. Isso, de certo modo, se coaduna com a noção heteronormativa vigente em contextos esportivos ou competitivos em que a heterossexualidade é tomada como pressuposto obrigatório e compulsório (CAMARGO; KESSLER, 2017).

Embora Guedes (1997:141) aponte que “[...] o que caracteriza a força masculina, enquanto atributo mais geral do homem, não intrinsecamente ligado a nenhuma classe social ou segmento da sociedade é, justamente, a possibilidade sempre presente de sua utilização agressiva, não devendo ser contida”, Giffin (2005) alerta justamente em avançar nas discussões e investigações sobre as masculinidades a partir de outros marcadores como os elementos da política econômica e das inserções em classes sociais. Nas minhas observações, notava que tal ideia se destoava entre as academias. Ser marombeiro na academia P não

significava que os usos do corpo no “limite” eram semelhantes aos marombeiros da academia G. Enquanto na academia P havia certo *status* em ser marombeiro por toda carga simbólica atribuída a tal “título” como de homem “forte e de sucesso” respeitado por aguentar as dores e seus riscos, na academia G, esse grupo de sujeitos era minoritário e, por vezes, estigmatizado por estar, teoricamente, se expondo a certos riscos.

Os marombeiros da academia G distinguiam-se de grande parte do público que frequentava aquele espaço quanto à necessidade de sentir dores para marcar a intensidade e eficácia do exercício físico. A princípio, eles apresentavam comportamentos semelhantes àqueles vistos na academia P. Raramente paravam para assistir televisão, ficavam focados no tempo em seus relógios, calculavam e mensuravam seus resultados corpóreos de modo rotineiro, monitoravam as variáveis de treinamento com o intuito de ajustá-las para um nível acima caso fosse preciso. Eles preferiam aumentar o peso a executar os movimentos de forma completa. Exercitavam-se até os últimos minutos do horário de término do funcionamento do estabelecimento. Realizavam as práticas corporais com altas doses de volume e de intensidade. Preferiam movimentos mais complexos ou difíceis semelhantes àqueles executados por fisiculturistas a desfrutarem da variedade, da quantidade e da qualidade dos aparelhos de musculação que existiam ali. Faziam poses para observar seus corpos nos espelhos. Tinham tatuagens que aludiam a certo modo de usar o corpo no “limite”. Raramente bebiam água e quando faziam, molhavam apenas a boca. Dominavam determinados aparelhos de musculação como se tivessem posse deles. Ficavam satisfeitos quando conseguiam arrebeitar algum cabo de aço quando estavam executando dado movimento. Socavam algum objeto após a execução de um exercício físico etc.

Estes poucos alunos da academia G incorporavam essa noção de enfrentar os “limites” das dores no setor da musculação. Algumas estampas nas camisas usadas pelos marombeiros se remetiam à ideia de lutar, de ser um vencedor, de dever a cumprir, de ultrapassar as

dificuldades, de enfrentar a intensidade do esforço, de manter a disciplina, a perseverança, o foco, a força e a fê: “Força e Honra!”; “30 minutos de exercícios todos os dias”; “Na hora da batalha” (foto de um soldado de guerra); “Próximos 80km...” (foto de um rapaz correndo); “Estou bem de força e você?”; “O que você luta?”; “*Livestrong*”; “*Muscle wear*”, “*Under armour*”, etc. Embora raro, alguns desses alunos da academia G circulavam pelo espaço da musculação com gaze ou bandagem terapêutica<sup>5</sup> localizada em uma articulação supostamente comprometida; ou ainda, mancando naquele espaço.

Em contrapartida, de forma peculiar, os marombeiros da academia G afirmavam a necessidade de aumentar o nível de seus treinamentos de forma paulatina e que estavam ali apenas para a “manutenção do corpo” ou para “crescerem de forma correta”. Eles executavam os exercícios físicos sem muitos gritos ou gemidos, isto é, urravam por causa das dores de forma mais amena em relação aos da academia P. Muitos desses alunos se exercitavam com inúmeras expressões faciais como se estivessem aguentando as dores das altas cargas mesmo quando levantavam pesos considerados muito leves em relação ao seu porte físico. Estes alunos interrompiam as rotinas exaustivas de exercícios físicos para conversar, tirar *selfies* ou se filmar para assistir os esforços em momento posterior ou postar em redes sociais. Quando machucados, se exercitavam em um ritmo mais lento e menos intenso, e, nesses casos, frequentavam a academia apenas para ajudar seus amigos ou simplesmente para encontrar os conhecidos. Estes alunos preferiam as anilhas mais finas as mais grossas, mesmo que tivessem o mesmo peso, pois as mais finas eram conhecidas naquele espaço por serem teoricamente mais leves. Estranhava-me ver os marombeiros dizerem para todos que determinado exercício físico estava pesado e iria trocar ou diminuir o peso. Contrariamente aos alunos da academia P, eles treinavam e se preocupavam com os membros inferiores e não eram taxados de “gays” com o argumento de manter a proporcionalidade entre os braços e as pernas. Estes alunos também usavam luvas objetivando não terem calos em suas mãos.

Essa realidade dos marombeiros da academia G demonstrava justamente o que Bourdieu (1983) aponta que quanto mais se sobe na classe social, os investimentos e a atenção diferenciam-se em termos de usos do corpo. Ou seja, força e resistência em determinados níveis não condiziam com esse grupo social, reforçando a ideia de Butler (2003) em que há outras variáveis, como a classe social, que agem diretamente na esfera de gênero.

Muitos professores me relatavam que a “galera da maromba” descansava mais porque o espaço da academia G propiciava uma série de atrativos que poderiam distrair os alunos como as televisões, bem como o privilégio de poderem bater-papo entre amigos e usarem seus “iPhones de última geração”. Até mesmo o fato de jogar os pesos ou espalhar as anilhas pelo chão que seria uma forma de demonstração de “todo o seu poderio másculo” como era o caso na academia P, aqui, na academia G, faziam isso de propósito com o intuito de esperar alguém, geralmente o professor, catar os pesos. Cheguei a escutar deles que como “pagavam, logo, podiam desarrumar tudo”, revelando sua necessidade de distinção de classe nesse ambiente. Assim, o marombeiro desse estabelecimento além de reforçar um tipo masculinidade específico, adotava alguns comportamentos na musculação em função da sua posição como cliente que estava pagando uma prestação de serviço.

Os marombeiros eram o único grupo social da academia G que se incomodava pela minha presença no local pelo fato de eu não ter me exercitado. Em determinado dia, escutava tais alunos comentando que eu era um “frango, pois ficava mais em rede social do que sentir dor”, o que me causava certo desconforto no momento, mas finalmente eu compreendia na medida em que eu circulava pelo “espaço deles” e não agia da mesma maneira no relativo “limite” do corpo.

Por outro lado, eu também fui classificado como um marombeiro por alguns alunos, pois parecia que o meu próprio porte físico estaria alinhado a esse público não tão bem visto na musculação da academia G. Quando eu estava circulando pela sala de musculação, um

aluno me perguntava brincando se eu iria “tomar o aparelho dele”, mesmo respondendo que “não”, ele dizia que “também era forte e podia tranquilamente disputar o espaço comigo”. Em outra passagem, depois de ter me perguntado se eu iria “fazer o aparelho dela” e eu respondendo que estava ali apenas para a pesquisa, uma aluna comentava comigo que havia uns “fortões, como eu, sem consciência que saíam roubando os aparelhos dos outros; mexiam nas regulagens e nas cargas, indo embora sem agradecer”; falava ainda que havia se “machucado” pelo fato de um dia não ter visto que mudaram o peso dela. Outro aluno, após ter sido elogiado pela professora pelo fato de ter colocado “tudo no lugar depois do uso”, o mesmo respondia que “não era da galera daquela parte ali, era um verdadeiro *lord*”, apontando para a sala dos pesos livres onde eu estava, local onde os marombeiros mais frequentavam.

Destarte, na academia G, pelo fato de o marombeiro não fazer parte do “grande modelo de corpo” compartilhado naquele espaço e pelas suas concepções distintas sobre dores e seus riscos, eles ficavam isolados de todos ali e quase não estabeleciam qualquer tipo de relação com os demais que frequentavam o local. Em outras palavras, os marombeiros não se alinhavam ao *habitus* da maioria do público frequentador da academia G e possuíam comportamentos peculiares que se destoavam da academia P.

O que podia se observar era uma espécie de masculinidade hegemônica, no sentido de Connel (1995), que não possuía efetivamente relações de poder no espaço da academia G. Em outras palavras, evidencia-se, portanto, que a análise sob o ponto de vista interseccional gênero-classe social, demonstrou como os marombeiros desse estabelecimento exercitavam outras possíveis masculinidades em nível local, exercício esse importante para revisitar o sujeito masculino (CONNELL; MESSERSCHIMIDT, 2013), ou ainda, uma crítica ao “paradigma do macho” em pensar sobre eles de forma plural ou híbrida (SABO, 2002).

*Marombeiras: feminilidades em legitimação e em reprodução?*

Na academia P, algumas mulheres assumiam uma forma androcêntrica de se comportar durante as interações sociais. Isto se justifica na medida em que, para ser marombeira, havia uma tendência delas de privilegiar a visão de mundo construída a partir da masculinidade hegemônica (CONNEL, 1995) ou considerar tal ponto de vista como uma forma de se relacionar. O caráter de classe social que marcava essas marombeiras demonstrava também a vivência na vida pública e não somente privada, a chamada do lar, tão discutida nos estudos feministas e de gênero (CORRÊA, 2001).

Muitas delas diziam que determinado exercício físico era “pica” – isto é, alusão ao pênis - ou “foda” e que estavam ali para aguentar as dores e seus riscos, não podendo interromper a rotina exaustiva das práticas corporais. Adotavam não somente o linguajar, mas também comportamentos que poderiam ser compreendidos, a princípio, como masculinizados pelos outros/as alunos/as. Por exemplo, desafiar ou xingar os alunos e as outras alunas, chutar determinado aparelho de musculação, simular movimentos de socos nos intervalos entre os exercícios físicos, encarar aqueles que passavam por elas etc. Essas marombeiras eram bem vistas pelos homens da academia P, pois conseguiam circular pelos espaços sem serem expulsas dos aparelhos de musculação com comentários indiretos a elas. Ademais, quase nenhum homem ousava criticá-las, pois “elas eram um deles”, pois também aguentavam as dores causadas pelos exercícios físicos pesados.

Assim, ao exercitarem suas feminilidades, as marombeiras desconstruíam a ideia naturalizada de delicadeza e sensibilidade geralmente atribuída às mulheres, o que, por vezes, ocorre em determinadas práticas esportivas (MALYSSE, 2007). Diferentemente de alguns estudos em que as feminilidades são colocadas em xeque pelo binômio sexo-gênero por praticarem modalidades que exigem potencialização muscular e força (JAEGER; GOELLNER, 2011; SOARES; MOURÃO; MONTEIRO, 2017), na academia P, eram

relativamente incorporadas aos grupos de homens. Para algumas mulheres do estabelecimento, os comportamentos das marombeiras eram de “faveladas”, isto é, mesmo morando na favela, não precisava “meter uma marra tipo homem” demonstrando que iria bater ou xingar alguém, o que me mostrava mais uma vez, como as intersecções de gênero e classe social modulavam as formas de distinção no que diz respeito à se engajar nas práticas corporais na academia P.

As marombeiras legitimavam seu espaço ali com certas atitudes vistas como “de homem” no que diz respeito às representações de dores e seus riscos. Guedes (1997:132-133) lembra que esses tipos de espaços dominados pelos homens podem representar “[...] a criação de uma espécie de laboratório secreto masculino onde as transações simbólicas obedecem a regras específicas, cujo primeiro mandamento é, justamente, excluir as mulheres.”. Assim, se segundo Connel (1995), ser masculino, muitas vezes, é ser reativo ao feminino, as marombeiras da academia P também tentavam interditar os espaços das outras mulheres.

No ponto de vista de Sabino (2003), sobre as mulheres das academias, além das mudanças sociais que ocorreram no mundo feminino, elas buscam uma competição típica masculina para serem vistas, isto é, acabam reproduzindo a lógica da desigualdade de gênero<sup>6</sup>. Em outras palavras, as mulheres reivindicam o direito à força e à circulação pelos espaços das academias na medida em que o “masculino” ainda as limita. Assim, discordo de Coelho Filho e Frazão (2010) ao afirmarem que as academias exclusivamente femininas indicam certo reposicionamento da mulher na sociedade as tornando “livres” reforçando a “independência feminina”, pois nestes espaços são obrigadas a se “privarem” dos contatos mistos. Entendo que as mulheres que procuram as academias femininas buscam uma relação com seus corpos de forma a não serem “avaliadas” e/ou “julgadas” pelo sexo oposto, não revelando necessariamente uma condição de “independência feminina”. Essa busca deliberada pelo não olhar do outro, mostra justamente a sua submissão a esse olhar e a uma identidade

feminina padronizada. Por outro lado, as marombeiras nas academias mistas se rebelam à essa identidade feminina normatizada se aproximando dos comportamentos masculinos. De toda a forma, ambas as situações reforçam a ideia de como as identidades de gênero são construídas de forma relacional.

Pensando que “Há outros rituais de reversão de ‘status’ que compreendem a supremacia das mulheres sobre a autoridade e as funções masculinas.” (TURNER, 1974, p. 221), algumas mulheres possuíam outras atitudes “ativas” perante os homens na musculação da academia P no sentido de tentar “virar o jogo”, isto é, da submissão à imposição. Uma estratégia que elas usavam era mandar os alunos homens carregarem suas anilhas pesadas pelo espaço da musculação com o intuito de colocarem em determinado lugar, pois, teoricamente, não aguentavam segurar aqueles pesos. Outras provocavam alguns alunos homens realizando exercícios físicos em “posições sedutoras” em que eles não paravam de olhar, como uma forma de dominá-los visualmente. Para Sabino (2003), a sedução é um artifício feminino que também pode ser considerado uma espécie de “arma” face à essas masculinidades hegemônicas. Este tipo de comportamento “ativo”<sup>7</sup>, por parte dos homens e das mulheres, demonstrava certa “disputa de ‘limites’ entre gêneros” na musculação da academia P, mas também uma forma de uni-los em prol da construção de ser ou ter um corpo de marombeiro/a.

Já, na academia G, o número de marombeiras era maior do que aquele que frequentava a academia P. Tal contingente de alunas cultuava as dores durante as práticas corporais e também eram respeitadas pelos alunos e profissionais homens dali. Mesmo que os professores da academia G tivessem a premissa universal que “os homens subestimavam as dores e as mulheres, superestimavam”, não observava isso no grupo das marombeiras, entendendo que dentro de uma mesma classificação de “mulher”, a utilização do corpo no “limite” pode ser diferenciada em múltiplas identidades de gêneros. Isso reforça a ideia de Ferreira *et al.* (2005)

quando afirmam que a exacerbada busca do corpo “perfeito” nas academias pode ser realizada ou não de maneira semelhante entre gêneros.

Com evidentes níveis de massa muscular, com determinadas alterações na voz, algumas com excesso de pelos e hiperperfumadas, essas alunas da academia G desejavam se igualar aos homens no sentido de suportar as dores de esforços físicos, mas sem perder a “clássica feminilidade” caracterizada e naturalizada como suave e delicada (BOURDIEU, 2000). Elas realizavam exercícios físicos conhecidos por serem mais voltados ao público masculino, frequentavam aparelhos de musculação que eram disputados pelos alunos homens, simulavam golpes de lutas enquanto descansavam, vestiam roupas com dizeres que provocavam os outros, tais como “Orgulho de ser um problema do caralho!” ou “Tenta a sorte!”, etc. Esse mesmo grupo de mulheres ajudava os alunos homens a malhar, ao segurar os pesos para eles caso não agentassem ou simplesmente contava o número de movimentos que eles deveriam executar. Os profissionais as elogiavam pelo fato de chegarem aos “limites” do corpo e, na maioria das vezes, comentavam que nem eles conseguiam treinar como elas faziam ali ou aguentar as dores que elas sentiam.

A partir da frase de um dos profissionais da academia G, “Elas querem ser eles”, se referindo às mulheres fortes, observava que tal público das marombeiras tinha o propósito de se comparar a determinados homens. Apenas o fato de estarem engajadas junto com eles nos exercícios físicos já era uma forma de demonstrar que estavam no mesmo nível de dores, que não era somente pelo tamanho corporal. Elas criticavam os homens “preguiçosos” e diziam que faziam melhor do que eles, não somente relacionado aos “limites” dos esforços físicos suportando as mesmas dores, como também em tarefas do dia a dia. Sobre a vida pessoal amorosa e de trabalho, as marombeiras afirmavam que estavam cansadas de serem submissas ou “deixadas de lado”, pelo contrário, eram elas que sempre apoiavam ou estavam à frente

dos “negócios” da vida do trabalho ou domiciliar. Para elas, o risco ali era ser dominada por eles.

Nesses casos, as marombeiras deixavam claro que eram provedoras das suas vidas sociais, sem a naturalizada dependência, fragilidade ou submissão ao homem-trabalhador, mantenedor de um modelo tradicional de família. Exercitar-se no nível ou acima deles em relação aos exercícios físicos era mais uma maneira das marombeiras tentarem se legitimar dentro e fora da academia G. Em outras palavras, o elevado capital econômico e físico ou corporal dessas mulheres propiciavam oportunidades de se imporem aos outros nos contatos face a face.

Essas marombeiras se reinventavam ali dialogando com o que viviam fora da academia, ou seja, situações de uma sociedade ainda marcada por referências patriarcais e por ideias masculinizantes hegemônicas. Com base na ideia de Grossi (1995) que geralmente o “mundo feminino” é reforçado pelo vínculo de aprendizado das “regras sociais masculinizantes”, notava que uma marombeira ao modificar o seu corpo com “dores”, passava de uma “mulher passiva” para uma “mulher ativa”, encaixando-se novamente a certa submissão ao “masculino”. Conforme Dunning (1992), se de alguma maneira as mulheres assumem “papéis de homens-macho” na mesma lógica da socialização patriarcal, ela legitima essa suposta superioridade “masculina” e a dependência “feminina” perpetuando-a em diversos contextos sociais. Goellner (1998:55) aponta que a visibilidade das mulheres paulatinamente se estabeleceu de uma posição “passiva” para “ativa”, tendo, no momento atual da contemporaneidade, a oportunidade de elas ampliarem “[...] sua participação social, forjando novos hábitos, novas formas de cuidar de si e do seu corpo.”.

Assim, no sentido de que, em muitas ocasiões, o “ser masculino” tende a ser a referência social (BOURDIEU, 2000), Collins (2002) afirma que as mulheres acabam tendendo a optar por aulas aeróbias coletivas, por se tratarem de um momento em que o

feminino predomina. Markula (2004) menciona que as aulas de academias para além da busca de força, como o Pilates, Ioga e Tai chi chuan propiciam uma adesão maior do público feminino, pois, teoricamente, trabalham com atributos corporais alinhados ao clássico perfil da mulher, diferentemente da musculação associado ao mundo masculino.

Grande parcela das pesquisas com mulheres em academias aponta o que Fernandes (2005) e Berger (2010) detectaram: o principal significado de se exercitar para mulheres é a modificação e o culto ao corpo, sendo acompanhado de outras representações associadas à beleza, ao emagrecimento e à saúde para se inserirem socialmente. As pesquisas apontam que o objetivo central delas de se exercitar está vinculado à busca dos padrões estéticos vigentes na mídia, como visto no estudo com mulheres praticantes de musculação (VOTRE *et al.*, 2008). Geralmente, os estudos se aproximam dos achados da pesquisa de Tessmer *et al.* (2006) que detectaram uma maior prevalência de insatisfação com a imagem corporal em indivíduos jovens do sexo feminino. Além disso, parece que a insatisfação corporal feminina se dá, primordialmente, a um discurso lipofóbico, como observado por Teixeira *et al.* (2012) em mulheres praticantes de exercícios físicos em academias. Ressalta-se que as representações sobre a estética corporal feminina e os significados atribuídos ao corpo por mulheres oram transitam pelo eixo da resistência ao culto ao corpo, ora por um sentimento de acomodação diante dos ditames do corpo considerado perfeito.

Entretanto, não ligado ao âmbito competitivo ou esportivo, via que no espaço da musculação, sobretudo da academia G, tal desigualdade de gênero ocorria. Essa realidade não estaria atrelada somente às hierarquias entre determinadas feminilidades sobre ou sob a lógica de dadas masculinidades, mas também relacionada a como as classes sociais influenciavam nas formas de se comportar e usar o corpo no estabelecimento. A partir do ponto de vista de Adelman (2006), tais comportamentos das marombeiras podem ser interpretados como formas de transgressão e empoderamento feminino, mas também uma espécie de

disciplinamento patriarcal das mulheres em que elas continuavam orientadas por lógicas masculinizantes hegemônicas.

### **À guisa de conclusões**

No setor da musculação das duas academias, detectou-se uma multiplicidade de noções dos/as marombeiros/as acerca dos seus usos de corpo e sua relação com as dores e seus riscos. Isso revelou como esses grupos de homens e de mulheres interagem de acordo com suas inserções não somente de gênero, mas também de classe social. A diversidade do pensar, do sentir e do agir dos/as marombeiros/as em diferentes contextos e grupos sociais demonstra a pluralidade de masculinidades e feminilidades importantes de serem exploradas para uma compreensão mais aprofundada sobre as formas de cultivar o corpo.

Enquanto os marombeiros da academia P demonstravam a busca de um “clássico arquétipo de homem” ligado ao enfrentamento das dores e dos riscos voltado aos exercícios físicos e também da vida árdua financeiramente, os marombeiros da academia G, embora reforçassem um tipo de masculinidade hegemônica, assumiam comportamentos que poderiam ser interpretados como “não classicamente masculinos” e não faziam qualquer relação entre as dores e riscos à sua vida cotidiana.

As marombeiras de ambas as academias objetivavam legitimar as suas feminilidades a partir de ideais androcêntricos, no entanto, enquanto as da academia P assumiam comportamentos vistos como masculinizantes e, por vezes, em pequenos grupos no sentido de oposição aos alunos homens para poderem circular pelo espaço, as da academia G agiam igualmente dessa forma para serem aceitas na musculação como também na vida cotidiana. Estas também procuravam interagir mais com os homens excluindo as outras mulheres.

Portanto, se por um lado essa pesquisa apresentou como determinados (sub)grupos sociais cultivam seus corpos em contextos microscópicos específicos, por outro, cabe destacar que tais dados empíricos atualizam ou instigam reflexões ainda caras ao campo antropológico.

Em síntese, enquanto o presente estudo traz à tona uma discussão atual em articular diferentes marcadores sociais da diferença na análise etnográfica, como foi o caso da proposta de interseccionar gênero e classe social, reitera também todo um debate como determinadas coletividades exercitam seus *habitus* em mundo contemporâneo cada vez mais híbrido, transitório e plural no que se refere à construção ininterrupta de múltiplas identidades corporais.

### Referências

- ADELMAN, Miriam. 2006. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, 12(1):11-29.
- BECKER, Howard. 1996. A escola de Chicago. **Mana**, 2(2):177-188.
- BECKER, Howard. 1997. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec.
- BECKER, Howard. 2007. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar.
- BERGER, Mirela. 2010. “Felicidade é entrar num vestido P”: o culto ao corpo na sociedade urbana contemporânea. **Cadernos de Campo**, 19:69-90.
- BOLTANSKI, Luc. 1984. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Graal.
- BOURDIEU, Pierre. 1983. **Sociologia**. São Paulo: Ática.
- BOURDIEU, Pierre. 2000. **La dominación masculina**. Barcelona: Editorial Anagrama.
- BRIDGES, Tristan. 2009. Gender capital and male bodybuilders. **Body & Society**, 15(1):83-107.
- BROWN, David. 2006. Pierre Bourdieu’s “masculine domination” thesis and the gendered body in sport and physical culture. **Sociology of Sport Journal**, 23(2):162-188.
- BUTLER, Judith. 2003. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. 2017. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, 23(47):191-225.
- COELHO FILHO, Carlos Alberto de Andrade; FRAZÃO, Deimersom Pereira. 2010. Prática de ginástica em academias exclusivamente femininas. **Motriz**, 16(2):269-280.
- COLLINS, Leslea Haravon. 2002. Working out the contradictions: feminism and aerobics. **Journal of Sport and Social Issues**, 26(1):85-109.
- CONNELL, Robert. 1995. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, 20(2):184-206.
- CONNELL, Robert; MESSERSCHIMIDT, James. 2013. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, 21(1):241-282.

- CORRÊA, Mariza. 2001. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cadernos Pagu**, 16:13-30.
- DAMICO, José Geraldo Soares; MEYER, Dagmar Estermann. 2010. Constituição de masculinidades juvenis em contextos “difíceis”: vivências de jovens de periferia na França. **Cadernos Pagu**, 34:143-178.
- DUNNING, Eric. 1992. O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações. In: N. Elias e E. Dunning (orgs.), **A busca da excitação**. Lisboa: Difel: 389-412.
- FERNANDES, Rita de Cassia. 2005. Significados da ginástica para mulheres praticantes em academia. **Motriz**, 11(2):107-112.
- FERREIRA, Maria Elisa Caputo; CASTRO, Antônio Paulo André, GOMES, Gisele. 2005. A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 27(1):167-182.
- FONSECA, Claudia. 2000. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. Porto Alegre: Ed. UFRGS.
- FREW, Matthew; MCGILLIVRAY, David. 2005. Health clubs and body politics: aesthetics and the quest for physical capital. **Leisure Studies**, 24(2):161-175.
- GASTALDO, Édison Luis; BRAGA, Adriana Andrade. 2011. Corporeidade, esporte e identidade masculina. **Revista Estudos Feministas**, 19(3):875-893.
- GIFFIN, Karen. 2005. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, 10(1):47-57.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. 1998. As atividades corporais e esportivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século. **Movimento**, 5(9):47-57.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. 2013. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, 19(34):45-52.
- GOFFMAN, Erving. 2002. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes.
- GOFFMAN, Erving. 2011. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes.
- GROSSI, Miriam Pillar. 1995. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, 75:4-37.
- GUEDES, Simone Lahud. 1997. **Jogo de corpo: um estudo de construção social de trabalhadores**. Niterói: EDUFF.
- HANSEN, Roger; VAZ, Alexandre Fernandez. 2006. “Sarados” e “gostasas” entre alguns outros: aspectos da educação dos corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. **Movimento**, 12(1):133-152.
- HIRATA, Helena. 2014. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, 26(1):61-73.
- JAEGER, Angelita Alice; GOELLNER, Silvana Vilodre. 2011. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Revista Estudos Feministas**, 19(3):955-975.
- JARDIM, Denise Fagundes. 1991. **De bar em bar: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares**. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

- LE BRETON, David. 1999. **Antropología del dolor**. Barcelona: Seix Barral.
- LE BRETON, David. 2004. **Sinais de identidade: tatuagens, piercings e outras marcas corporais**. Lisboa: Miosótis.
- LESSA, Patricia; FURLAN, Cassia Cristina; CAPELARI, Julia Bellini. 2011. Pedagogias do corpo e construção do gênero na prática de musculação em academias. **Motrivivência**, 23(37): 41-50.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. 2011. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras.
- LOURO, Guacira Lopes. 2008. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, 19(2):17-23.
- MALYSSE, Stéphane. 2007. Em busca dos (h)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: M. Goldenberg (org.), **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record: 79-137.
- MALYSSE, Stéphane. 2008. **Diário acadêmico**. São Paulo: Estação das Letras e Cores.
- MARKULA, Pirkko. 2004. "Tuning into one's self": Foucault's technologies of the self and mindful fitness. **Sociology of Sport Journal**, 21(3):302-321.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo. 1998. Discursos sobre a Masculinidade. **Revista Estudos Feministas**, 6(1):91-112.
- PISCITELLI, Adriana. 2008. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, 11(2):263-274.
- SABINO, César. 2003. Lógica da diferença e androlatria: o caso das mulheres das academias de ginástica. **Enfoques**, 2(1):10-28.
- SABINO, César. 2004. **O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas**. Tese de doutorado em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SABO, Donald. 2002. O estudo crítico das masculinidades. In: M. Adelman e C. B. Silvestrin (orgs.), **Gênero plural**. Curitiba: Ed. UFPR: 33-46.
- SANTOS, Ana Raquel Mendes; SILVA, Emília Amélia Pinto Costa; MOURA, Petrucio Venceslau; DABBICCO, Penelopy; SILVA, Priscilla Pinto Costa; FREITAS, Maria Silvestre Monteiro. 2013. A busca pela beleza corporal na feminilidade e masculinidade. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 21(2):135-142.
- SCHECHNER, Richard. 2006. **Performance studies: an introduction**. New York & London: Routledge.
- SCOTT, Joan. 1986. Gender: a useful category of historical analyses. **The American Historical Review**, 91(5):1053-1075.
- SEIXAS, Rebeca Bruno da Silva. 2010. **Corpos possíveis: conformações corporais e estilos de vida propostos nas revistas Men's Health e Women's Health**. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria.
- SHILLING, Chris. 2005. **The body and social theory**. 2. ed., London: Sage.

SOARES, João Paulo Fernandes; MOURÃO, Ludmila; MONTEIRO, Igor Chagas. 2017. *Corpos dissidentes: gênero e feminilidades no levantamento de peso*. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 39(3):254-260.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; FREITAS, Clara Maria Silvestre Monteiro; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. 2012. *A lipofobia nos discursos de mulheres praticantes de exercício físico*. **Motriz**, 18(3):590-601.

TESSMER, Chiara Scaglioni; SILVA, Marcelo Cozzensa; PINHO, Michele Nunes; GAZALLE, Fernando Kratz; FASSA, Ana Claudia. 2006. *Insatisfação corporal em frequentadores de academia*. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 14(1):7-12.

TURNER, Victor Witter. 1974. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes.

VILELA, Luciano de Freitas. 2010. *Musculação como forma de transformação corporal e (re)afirmação do masculino*. In: ENCONTRO NACIONAL UNIVERSITÁRIO DA DIVERSIDADE SEXUAL, 8., Campinas. *Anais...* Campinas: UNICAMP: 1-12.

VOTRE, Sebastião Josué; VIGNE, Joana Angélica; LACERDA, Yara. 2008. *Mulheres da Rocinha: relações entre corpo, identidade e trabalho*. **Movimento**, 14(3):53-69.

WACQUANT, Loïc. 2002. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

---

<sup>1</sup> Neste texto, ainda que estejamos conscientes de toda problematização e referencial teórico das Ciências Sociais acerca do conceito de “classe social”, optamos por operar a análise com esta noção por se adequar ao trabalho de campo. Acrescentamos ainda que embora tenhamos utilizado a perspectiva interseccional a fim de compreender as realidades analisadas, não ignoramos o marcador raça/cor/etnia no trabalho. Mas, apesar de empiricamente termos observado que na academia P havia mais “negros” e na G, mais “brancos” e que existem estudos que relacionam as duas categorias como interdependentes, optamos aqui pelo marcador de classe social por dar conta de compreender essas distinções aparentes entre os lócus do estudo.

<sup>2</sup> O presente trabalho é derivado de uma tese de doutorado defendida no Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (SILVA, 2014). Registramos aqui os nossos agradecimentos a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elaine Reis Brandão do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro pelas suas contribuições e análises críticas do trabalho que colaboraram no aprimoramento deste manuscrito.

<sup>3</sup> A construção do material empírico referente às minhas interações cotidianas com os pesquisados pode ser vista de modo aprofundado na referida tese (SILVA, 2014).

<sup>4</sup> Seria uma espécie de autoridade sobre os outros homens e sobre o gênero em geral, embora não haja apenas uma forma de masculinidade (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

<sup>5</sup> Usada principalmente por atletas de alto rendimento, o acessório adesivo, denominado de *kinesio tape*, se caracteriza por fitas elásticas coloridas coladas em várias partes do corpo que objetivariam tratar ou prevenir lesões, melhorando a circulação sanguínea e os desvios articulares, bem como reduzindo dores, sensações de desconforto, edemas e hematomas.

<sup>6</sup> Malysse (2008) também discute sobre os papéis sociais e as mulheres “hipermasculinas”.

<sup>7</sup> A conotação de “ativo” na academia P era semelhante também ao estudo de Jardim (1991) que identificou a ideia de quem só se faz na vida quando se impõe ativamente diante das situações. Grossi (1995:6) esclarece que “Uma das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo. Ser ativo, no senso comum a respeito de gênero, significa ser ativo sexualmente, o que para muitos significa penetrar o corpo da/o outra/o.”.